

Compromisso e *croissants*

Patricia Trindade Nakagome¹

Sempre gostei de viajar e de escrever. Era natural, portanto, que tentasse unir as duas experiências, escrevendo sobre viagens. Estando agora na Alemanha para fazer uma parte do meu doutorado, alguns parentes e amigos pediram para que contasse um pouco sobre minha estadia europeia. Para tratar dos estranhamentos sentidos nos primeiros meses de Alemanha, pensava em recorrer à crônica, que sempre me pareceu um gênero propício a mostrar o cotidiano de um jeito diferente, como ele acaba se impondo a quem está há pouco em um país que não é o seu.

Após o recebimento de um e-mail, desisti do meu projeto cronista e voltei-me a este texto, pois o formato de um “diário acadêmico” pareceu oferecer um espaço mais adequado ao que gostaria de relatar.

Confortavelmente sentada próximo à mesinha do meu computador, que amparava uma enorme xícara de café e um delicioso croissant recheado com Nutella, dou uma espiada no Gmail e ali vejo a mensagem “ola querida professor”. Olho o remetente e logo identifico que se tratava de um ex-aluno muito esforçado e querido da Universidade Nacional Timor Lorosa’e (UNTL), do Timor Leste, onde havia lecionado português ao longo do ano de 2012.

O café esfriou. Li a curta mensagem rapidamente, mas o meu pensamento foi longe e vagarosamente a outro lugar, ficando aquecido pelo sol de Timor e pelo carinho dos alunos. Foi como se apenas naquele momento tivesse me dado conta de que havia menos de um ano que eu tinha voltado a São Paulo depois da intensa experiência de vida e docência no Timor-Leste para estar, agora, tranquila, num pequeno apartamento na Alemanha. E devo confessar: foi estranho ver-me na Alemanha, distante, não apenas espacialmente, de tantos projetos e expectativas criados pela ida ao Timor.

De algum modo, Timor-Leste fazia parte do meu imaginário há muitos anos. Desde a graduação, sabia que a Capes selecionava professores para ensinar português no país. Na época, a ideia de viajar para lá parecia uma loucura completa à minha família. Com poucas informações sobre o local, a imagem de guerra e destruição preocupava a todos. E onde fica Timor mesmo?

¹ Doutoranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP). Bolsista CAPES.

A vida acadêmica andou, a vida pessoal mudou e então, anos depois ter ouvido falar pela primeira vez em Timor, lá fui eu. Junto a um grupo de quase quarenta professores (brasileiros e portugueses), fui selecionada pelo Mackenzie para dar aulas na UNTL à primeira geração de alunos que chegava à universidade após ter toda a escolarização em português. Durante o treinamento dos professores em São Paulo, muitos manifestavam a sensação de estar numa espécie de “missão francesa”, que trouxe nomes como os de Bastide, Braudel e Lévi-Strauss para a USP. Era uma grande pretensão, mas que talvez se justificasse pela grandeza da expectativa.

Não pretendo entrar em detalhes sobre a experiência timorense. Como disse antes, o aprendizado ali foi de tal modo intenso, que poderia ser desdobrado em outros textos, escritos, talvez, em outro momento. Por ora, quero deter-me menos a fatos e mais a sensações, ao incômodo trazido pelo distanciamento. Afinal, foi esse sentimento, não um aspecto concreto, que me fez ficar desconcertada quando recebi o e-mail do estudante que me motivou a escrever este texto.

Pensei em transcrever a mensagem do aluno. Mas depois achei que isso poderia, de alguma forma, ferir algum preceito ético de pesquisa por expor a identidade do estudante. Isso seria válido para um relato de experiência? Em favor desse rigor, acabamos tomando a voz do outro e filtrando-a pelas nossas próprias palavras. Seria problemático que eu colocasse aqui as palavras do estudante, com sua sintaxe confusa e seus desvios ortográficos? Estaria, desnecessariamente, expondo a “fragilidade” daquele sujeito em se expressar na norma culta de uma língua que, embora oficial no país, é pouco falada pela população? Por via das dúvidas, não transcrevo o texto.

O jovem estudante timorense, representante do curso de Filosofia (diga-se de passagem, o primeiro curso de Filosofia a ser aberto no país), escreveu-me pedindo ajuda para participar de um processo seletivo para levar estudantes timorenses para estudarem na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira). Segundo o estudante, a primeira etapa do processo consistiria em uma redação. Como havia sido, junto com outro professor brasileiro, professora de língua portuguesa no curso de Filosofia no ano anterior, o estudante recorria ao meu auxílio. Em mensagem carinhosa e muito respeitosa (uma característica marcante da população timorense), o estudante demonstrava não saber por onde começar os estudos. Como apoiar à distância?

O contato com os estudantes foi certamente o que de melhor houve na minha experiência no Timor. Eles sempre se mostraram extremamente interessados e comprometidos com o estudo, em especial por acreditarem que isso permitiria não

apenas um desenvolvimento pessoal, mas um “desenvolvimento da nação Timor-Leste”. Após ouvir essa expressão tantas vezes, ficava a incômoda sensação de que eles simplesmente repetiam essa sentença sem muita consciência do que isso significava e implicava. Mas ficava também a certeza de que havia ali um verdadeiro desejo por ver um país melhor.

O esforço dos estudantes não era suficiente para preencher sérias lacunas de escolarização. Péssimas condições materiais para o estudo, professores com formação precária e mesmo pouco conhecimento de português, resquícios do violento sistema de educação indonésio. Esses eram apenas alguns dos vestígios que podiam ser reconhecidos em um grupo de alunos inicialmente silenciado em sala de aula. Como dar aulas em uma situação tão diferente da que conhecíamos?

Diversas estratégias de ensino foram testadas. Diversas. Longe de querer fazer da sala de aula um laboratório de experimentos, eram tentativas desesperadas de pensar em atividades que permitissem usar a língua portuguesa de forma significativa para os sujeitos, apesar de suas dificuldades. Foram várias tentativas de romper com a repetição e a cópia dos estudantes, que se colocavam submissos a uma suposta resposta verdadeira, jamais a deles próprios.

Pensando em termos comparativos, do início ao fim do ano de 2012, acho que houve “avanços” sensíveis não só no uso pragmático da língua, mas na atitude de cada aluno diante dela. Como maior ganho, posso considerar que os estudantes já não viam tanto o português como um código cheio de regras a serem memorizadas, mas sim como um instrumento necessário para a comunicação. O português possibilitaria outras opções além daquelas já disponibilizadas pela língua oficial (o tétum) e as outras faladas no país: seria o idioma do conhecimento, da leitura de textos técnicos, do contato com os professores estrangeiros. Mais do que um idioma do qual se retira passivamente uma informação, um meio de construção do conhecimento.

Essa forma ativa de lidar com a língua foi um passo significativo alcançado durante um ano letivo em Timor-Leste. Seria mentiroso, no entanto, negar as tantas lacunas dos estudantes no uso do português. Nos textos escritos, havia casos em que era até mesmo difícil compreender o que o aluno desejava expressar.

A partida do Timor foi dolorida, mas necessária. Fui embora sabendo que muito trabalho ficou por fazer. Mas por motivos pessoais e especialmente profissionais (envolvendo atraso em pagamentos, problemas com contratos etc.), era insustentável permanecer no país por mais tempo. Alguns colegas buscaram outros caminhos, retornando ao Timor com uma bolsa da Capes, uma versão mais atrativa daquele projeto

do qual, como mencionado antes, tomei conhecimento na graduação. No meu caso, depois desse intenso período, sentia a necessidade de me dedicar ao doutorado, que sofreu sensíveis mudanças depois da minha estadia timorense. E aí, como consequência do andamento do projeto, buscando importantes complementações a ele, vim à Alemanha.

De algum modo, por mais que não se queira, as experiências, mesmo quando muito significativas, podem ir se distanciando, distanciando. E num curto intervalo de tempo, aquilo que era central ganha outro espaço. O Timor, durante o ano de 2012, se impunha quase com força sobre mim: não era apenas o lugar onde eu vivia, era tudo o que eu vivia. E então, um ano depois, ele parecia distante.

Receber o e-mail do aluno timorense, pedindo ajuda, foi um golpe. Naquele dia, já com o café frio, não pude comer o *croissant* com Nutella. A mensagem que carregava sonhos em palavras com disposição confusa fazia lembrar os compromissos assumidos, as apostas, as tentativas, as frustrações, as rupturas, a distância. É impossível, acho eu, não se sentir um pouco hipócrita por estar na Alemanha, buscando uma especialização minha, depois de saber do trabalho incompleto na formação básica do outro.

Comecei uma troca intensa de e-mails com o estudante. Propus temas de redação, corriji, comentei, apoiei. Esperei ansiosamente (mas confortavelmente, não posso negar) o resultado do processo seletivo. Como isso não é conto de fadas, não há *happy ending*: meu aluno foi reprovado e comunicou essa notícia com toda a dignidade que lhe é tão característica.

Tristeza.

Por um período de tempo, ficou abalado o sentido de estar na Alemanha e até mesmo, em última instância, o da própria pesquisa acadêmica. Faço uma tese sobre o leitor, buscando referências atualizadas e em outros idiomas sobre o tema, mas fiz pouco por um leitor real, de carne e osso, com seus próprios objetivos e sonhos de estudo. Pessoalmente, não é fácil sentir que há certa incoerência e desequilíbrio entre o que estudamos e o que fazemos. A distância que me separa do meu estudante não é apenas a que separa Ásia de Europa, mas é aquela distância ainda maior entre ter certas possibilidades e não tê-las.

Bom, adaptando um samba, o fato é que a “tese tem que continuar”. Resta-me então buscar formas para que, da condição privilegiada que desfruto, possa escrever a tese como um compromisso, não uma tarefa. Não é apenas um compromisso comigo, mas também com outras tantas pessoas, das quais me afastei, entre outros motivos, em nome desse aperfeiçoamento acadêmico.

Escrever este texto é uma forma de manter vivo o compromisso, ainda que não mais no dia-a-dia de sala de aula, com a educação, com a literatura pensada de forma ampla e para além dos muros da universidade. Isso, não posso negar, sendo escrito da posição confortável de quem se senta ao computador tendo um café e um *croissant* com Nutella ao lado.

P.S: Hoje, no dia 6 de dezembro, último dia para enviar o texto para submissão à *Revista Crioula* (no limite do prazo, para variar), começou a nevar. Impossível não ficar encantada com os floquinhos brancos que caem e se acumulam sobre telhados perfeitos. Indispensável não esquecer lugares em que o sol escalda inclusive construções sem telhados, queimados durante a guerra.